

ASPECTOS DA DESCRIÇÃO DE PERSONAGENS NA TRILOGIA DE CAMAXILO

Carlos Alberto Iannone*

RESUMO: O papel dos personagens na segunda fase da obra de Castro Soromenho e as várias leituras possíveis na perspectiva das fases existenciais desses personagens constituem o eixo da caracterização a partir de sua descrição.

UNITERMOS: Castro Soromenho, Fernando. Romance angolano, descrição de personagens.

A obra de Castro Soromenho pode ser dividida em duas fases distintas. A primeira compreende os livros de contos e novelas, *Lendas Negras* (1936), *Nhá-ri* (1938), *Rajada e Outras Histórias* (1943) e *Calenga* (1945), de etnografia, *Mistérios da Terra: Mucunda – Cangongo* (1944), de memória, *Imagens da Cidade de São Paulo de Luanda* (1939), de literatura de viagens ou crônicas romanceadas, *Sertanejos de Angola* (1943), *Aventura e Morte no Sertão* (1943), *A Expedição ao País do Oiro Branco* (1944) e *A Maravilhosa Viagem dos Exploradores Portugueses* (1946-1948) e os romances *Noite de Angústia* (1939) e *Homens sem Caminho* (1941), que atinge “o ponto culminante nessa obra que o escoamento das chuvas de trovoadas tropicais separa, num duplo fluxo de músicas” e “evoca por um lado a fuga das tribos derrotadas na guerra, errando no mistério do sertão, por outro lado prefigura já os homens a quem o contacto com os brancos fez também perder o ‘caminho’ – o da sua cultura tradicional.” (Bastide, 1960: 15). Nas obras de ficção desta primeira fase, o branco europeu ainda não aparece como personagem, embora em alguns momentos seja “longinquamente referido como uma realidade ainda não contraposta à realidade constituída pelo elemento autóctone.” (Torres: 206).

* Da UNESP/Araraquara.

À segunda fase, cujo início se deu em 1949 com a publicação do romance *Terra Morta*, no Rio de Janeiro, pertencem outros dois romances, *Viragem* (1957) e *A Chaga* (1970), este último póstumo e que chegou a ser anunciado pelo autor com o título de *Desterrados*. Nesta fase, Castro Soromenho aproxima negros e brancos. O elemento autóctone distancia-se dos deuses, que lhe incutiam o respeito e o temor, e destribaliza-se. A uma obra que, na fase inicial, se pode classificar, de maneira genérica, de exótica e de cunho poético, por vezes atingindo o épico, opõe-se, na segunda fase, uma obra de caráter neo-realista, em que negros, brancos e mestiços aparecem "integrados num sistema de relações comuns."

A descrição exterior das personagens masculinas europeias dos romances da segunda fase literária de Castro Soromenho, de um modo geral, não se processa, integralmente, em uma única apresentação, como se fosse um quadro que oferecesse uma imagem completa do ser ali representado. Ao contrário, faz-se através da associação de pequenos fragmentos do corpo e das vestes que o cobrem. A esta constatação inicial, acrescenta-se outra. Em *Terra Morta*, *Viragem* e *A Chaga*, objeto deste breve estudo, há vinte e cinco personagens masculinas europeias, levando-se em conta uma única vez as que aparecem em mais de um romance, caso, por exemplo, de Antônio Alves, em *Viragem* e *A Chaga*. Dessas, apenas três não são descritas: Joaquim Américo, em *Terra Morta*, e Álvaro Pereira e Gaspar Calado, ambos em *A Chaga*. Outras três personagens, em apenas um momento da ação mereceram por parte do narrador preocupação pelas suas características externas: Vasconcelos, em *Terra Morta*, e Joaquim Mota e Eduardo Sales, no romance *A Chaga*.

Joaquim Américo trabalha como funcionário administrativo em Camaxilo, movido por circunstâncias contrárias à sua vontade. É idealista, inadaptado ao meio em que vive e totalmente avesso ao processo de colonização levado a cabo pelos portugueses em África. Situa-se pelo seu caráter idealista em um nível que, até certo ponto, transcende a realidade contingente. Joaquim Américo acaba por impor-se pelo que apresenta de idéias. Não seria essa, razão suficiente para justificar a despreocupação do narrador com a descrição exterior da personagem? Por outro lado, a ausência de elementos descritivos em Álvaro Pereira e Gaspar Calado decorre da reduzida importância dessas personagens na ação de *A Chaga*. O primeiro, chefe do Posto de Loremo, atua em apenas dois capítulos, aqueles em que ocorre um acúmulo de personagens vindas a Camaxilo para os preparativos à homenagem ao Governador Geral e ao Bispo. Gaspar Calado, por sua vez, representa tão somente um elo entre o passado próximo e o remoto: recebe como hóspedes passageiras Paulina e D. Joana, personagens de primeiro plano em *Viragem*, e estabelece, desta forma, uma ligação entre os dois romances. Gaspar Calado é referido como primo de José Calado, comerciante,

em *Terra Morta*. O grau de importância de certas personagens no desenvolvimento da ação parece ser o motivo pelo qual o narrador em um único momento se deteve na sua descrição exterior. Basta que se lembre de que Eduardo Sales só aparece no final do romance *A Chaga* e que Vasconcelos, sempre submisso a Jaime Silva, só é descrito no momento da sua partida de Camaxilo, com a transferência nas mãos. Neste caso, é possível estabelecer uma relação entre descrição e realização de um desejo, isto é, o de se libertar da situação submissa imposta de forma ardilosa pelo secretário administrativo Jaime Silva.

A vestimenta e o rosto constituem os principais elementos descritos nas personagens masculinas europeias dos romances em questão, exceção feita às referidas nos parágrafos anteriores. Embora não seja tarefa fácil afirmar com exatidão qual desses elementos é mais significativo para a caracterização das personagens, mesmo porque a análise de cada um deles poderá e deverá levar o investigador a conclusões que, em última instância, acabam por se aproximar, para o presente estudo levar-se-á em conta apenas o elemento vestimenta.

Uma divisão das peças da vestimenta, segundo a frequência e a intensidade da sua descrição, revela a existência de dois grupos distintos de personagens: um constituído pelos funcionários administrativos, outro formado pelos comerciantes.

A farda constitui o principal elemento caracterizador do primeiro grupo tipológico. Em *A Chaga*, na única passagem em que se descreve o aspirante Eduardo Sales, lê-se: "o mais alto fardado de cáqui, botas altas, capacete com o escudo" (Soromenho: 143). Em geral, é através da farda e a de cáqui, como no exemplo acima, que se inicia a descrição, evidenciando a preferência do narrador por um elemento que tende à generalização. Entretanto, esta veste, em muitos momentos perde o caráter padronizador e, ao contrário, presta-se a conferir à personagem caráter particularizador. É o que acontece com Albano Sampaio, em *Terra Morta*, que a partir de um dado momento da ação se apresenta "sempre impecável na farda branca, enquanto os colegas em geral vestidos de cáqui" (Soromenho: 123). Por que ocorre essa transformação e a personagem passa a assumir um caráter de exceção? Qual a razão que levou o narrador a despir sua personagem dos trajes usualmente utilizados e vesti-la com a farda branca, usada pelos aspirantes, conforme o hábito, apenas aos domingos e nas datas comemorativas? É por demais óbvio que, nesse caso, a vestimenta está intimamente relacionada com as intenções da personagem. Usa-a Sampaio para iludir e conquistar Maria, filha mulata do comerciante Alfredo Anacleto. Aliás, aqui se coloca uma constante das personagens masculinas europeias dos romances de Castro Soromenho, qual seja, a de tentar seus objetivos por meio da revelação

das coisas exteriores e materiais, impossibilitadas de fazê-lo através das qualidades intrínsecas de que não são possuidoras. O que, entretanto, escapa ao óbvio, no caso de Sampaio, é o valor simbólico que se pode inferir da cor branca da sua vestimenta. Tudo parece indicar que o êxito da conquista vai decorrer, em última análise, da impressão favorável que a cor branca pode causar na mestiça, desejosa como todos os mulatos da obra de Soromenho da ascensão social. A cor branca – fusão da farda branca e do homem branco que a veste – passa a se constituir num símbolo desse anseio.

Em outra passagem do romance *Terra Morta*, o narrador se utiliza de um recurso a que se pode chamar de sinédoque com finalidade de ampliar a significação própria de uma palavra: "Avistaram ao longe, estrada abaixo, a farda branca do Sampaio" (Soromenho: 182). A utilização desse recurso retórico decorreu da necessidade e da importância em limitar a descrição àquilo que se apresenta como mais significativo. O que predomina no texto transcrito, independentemente das circunstâncias espaciais e temporais, é a farda branca, não a personagem que a veste. Interessa revelar o valor simbólico da cor (por isso ampliação de sentido) acima referido e, por extensão, o próprio valor da farda, índice de hierarquia social.

A farda branca, em outros momentos, ao lado de destacar o grau de autoridade, pois é usada diariamente pelas personagens que exercem o cargo de Administrador – Gregório Antunes, em *Terra Morta*, e João Santiago da Silveira, em *A Chaga* – revela de maneira bastante sutil o acobertamento de problemas afetivos: "Quando o administrador Gregório Antunes entrou na Administração, fardado de branco e a cheirar loção" (Soromenho: 38) e "João Santiago da Silveira, impecável na farda branca, as insígnias de administrador nas mangas e na gola do dólman" (Soromenho: 15). O esmero verificado no uso da farda branca parece exercer uma função compensadora, para ambos, de uma vida irrealizada no plano amoroso, arrastando o primeiro para os caminhos das conquistas fáceis entre as negras das senzalas, para quem o aroma da loção é um fascínio, e o segundo, numa tentativa derradeira, à procura de uma estimulante mezinha de origem tribal. Tanto em um caso, como no outro, transparece no uso impecável da farda branca a ânsia de se impor e superar as próprias fraquezas e inseguranças. Alexandre Pinheiro Torres, em um breve ensaio publicado na revista *Colóquio/Letras*, assinala com bastante propriedade que o administrador de *A Chaga* é sobreponível ao que surge em *Terra Morta*: "A caracterização física, maneirismos, formas de expressão de pensamento, ideologia, são praticamente coincidentes, com a diferença de Santiago da Silveira se gabar de ser um produto do Curso Superior Colonial e Antunes não possuir tal diploma para lhe coonestar o pontifical catedrático." (Torres, 1977: 33).

Observe-se também que em nenhum momento Gregório Antunes e Santiago da Silveira são surpreendidos, nas suas funções administrativas, em atitude de desleixo, como acontece, por exemplo, com Valadas e Jaime Silva, em *Terra Morta*, Antônio Alves, em *Viragem*, e Gabriel Araújo, em *A Chaga*. Em várias ocasiões essas personagens apresentam-se com o dólman aberto numa atitude reveladora do desprezo e da saturação em relação à sua função no posto administrativo e, num processo de ampliação, em relação à sua própria autoridade.

A descrição do secretário da administração Joaquim Bonifácio Pereira, em *A Chaga*, faz-se através de alguns pormenores que se repetem nos vários capítulos do romance. Seletiva e fundamentalmente são os seguintes os elementos que entram na formação da descrição dessa personagem: "fardado de cáqui, as botas altas bem lustradas" (Soromenho: 15), "baixinho, os ombros estreitos apertados no dólman, os calções de montar muito justos, Joaquim Bonifácio Pereira parecia sair do cano das botas altas, ao estender o braço" (Soromenho: 16) e, finalmente, "sob a aba do capacete que lhe ocultava a cara, as botas de cano alto" (Soromenho: 20). Nessas passagens, bem como nas que não se transcreveram com a finalidade de evitar repetições, nota-se uma preocupação em destacar as botas de cano alto sempre lustradas e o capacete, elementos estes relacionados com a baixa estatura da personagem. Partindo de um pormenor generalizante, isto é, a farda de cáqui, o narrador enfatiza a seguir o uso das botas e do capacete, que encontram expressiva síntese descritiva, através do emprego de uma linguagem figurada, na seguinte passagem: "– Capacete e botas – comentou Vasco Serra encostado à ombreira da porta da Secretaria." (Soromenho: 20) Esses elementos da descrição são importantes na medida em que acabam por adquirir um valor extradescritivo, constituindo símbolo de autoridade e de poder. Quer por meio do narrador, quer por meio das palavras proferidas pelas personagens, como na síntese descritiva transcrita, o que se pretende é ressaltar pormenores que acabam por refletir o interior da personagem, sugerir alguns aspectos do seu precário mundo psicológico: a necessidade, por exemplo, de compensar sua fragilidade física por meio da exibição de uma vestimenta que constitui símbolo de autoridade.

É digno de registro, no mesmo romance, a parte do diálogo travado entre os aspirantes Vasco Serra e Antônio Alves, em que surge nova referência às botas do secretário da Administração: "– Não sabe, não. Se o Deusdâ lhe põe as mãos em cima, aí Pereirinha do catano, desaparece nos canos das botas" (Soromenho: 60). De imediato, surge diante dos olhos do leitor o contraste resultante da comparação entre a estatura da personagem e a altura do cano das botas. Uma agressão física fatalmente levaria a personagem (ao menos aos olhos

irônicos dos demais companheiros) a mergulhar no interior das suas botas, como a única possibilidade de salvação. Sugere-se, portanto, que diante da impossibilidade de uma reação física, por ser fraco e covarde, resta a Joaquim Bonifácio Pereira ocultar-se naquilo que nele representa ou diz mais: a autoridade de que se reveste.

Ao afirmar-se, logo no início deste estudo, que o aspirante Eduardo Sales só aparece nas páginas finais do romance *A Chaga* e que, como decorrência desse fato, só é descrito em um único momento, não se pretendeu privar de importância a descrição realizada pelo narrador. Confrontando-a com a de Joaquim Bonifácio, observa-se claramente que não se verifica contraste algum, mas, ao contrário, perfeita harmonia entre personagem e sua vestimenta, reflexo, indubitavelmente, do seu equilíbrio interior. É alto, como são as botas. Ao nível das idéias, assemelha-se a Joaquim Américo de *Terra Morta*. Idealista, apresenta todo um passado de lutas contra a ditadura salazarista. Sales, Joaquim Américo e Vasco Serra constituem, conforme assinala Alexandre Pinheiro Torres, "as antíteses da função aspirante", e confirmam a existência do tipo "aspirante contestatário". (Torres, 1977: 34)

Em Albano Sampaio, chefe do Posto de Lobolo, Alberto Sobral e Jaime Silva, as botas aparecem sempre relacionadas a palavras e expressões que as deslustram. Tome-se como exemplo o texto de *Terra Morta* que se refere a Alberto Sobral, na época prestando serviços em Camaxilo: "– Rapaz, aperta estes atacadores – e estendeu a bota, enlameada até à curva da perna." (Soromenho: 102). Evidentemente, as circunstâncias de trabalho e o espaço agreste e inóspito em que ele deve ser desenvolvido contribuem de maneira marcante para o desleixo com que determinadas personagens utilizam peças do vestuário, de que o exemplo acima oferece apenas parcial testemunho. Parece, contudo, que a esses fatores deve-se acrescentar outro, de ordem pessoal, e que em última análise se resume na visão de mundo de quase a totalidade dos funcionários administrativos. Sua visão existencial, aliás bem configurada através de Sobral, limita-se aos prazeres terrenos. A inexistência de qualquer tipo de ilusão, a insegurança e a incerteza no futuro levam-nos a um processo de valorização do presente naquilo que ele pode oferecer de prazer no plano material. Daí justificar-se plenamente a resposta dada por Sobral a um companheiro que o convidara para comer e beber: "– Olha menino, ainda é o melhor que se leva desta vida." (Soromenho: 103) Como decorrência dessa maneira de enxergar a vida e dela participar, tenta-se explicar o desleixo com que essas personagens se apresentam vestidas e, num plano mais amplo, os deslizos de comportamento. A propósito, basta que se traga à baila a passagem em que o mesmo Sobral, em companhia de alguns

funcionários, regressa das lojas dos comerciantes embriagado, sendo carregado pelos negros, evidenciando comprometedor perda de autoridade.

Alfredo Anacleto, em *Terra Morta*, e Alfredo Cardoso, em *A Chaga*, são os únicos habitantes da povoação-de-baixo de Camaxilo, região onde se localizam os comerciantes com suas casas e famílias, a usarem botas. A descrição, no tocante a este pormenor, é praticamente idêntica nas duas personagens: "O velho Anacleto, dava chibatadas numa das suas botas cambadas, chapeadas com pele por curtir" (Soromenho: 134) e "Alfredo Cardoso mordiscava a ponta do bigode e batia com a chibata de cipó nas botas cambadas" (Soromenho: 45).

Logo de início, torna-se necessário destacar que a descrição dos caracteres externos dos comerciantes via de regra se processa de forma simultânea com a narração, isto é, com as atitudes e a movimentação das personagens. Aliás, Gerard Genette, em um dos seus livros, já assinala essa estreita relação, na obra de ficção. (Genette, 1969: 57)

Os textos transcritos acima podem causar uma falsa impressão, isto é, a de que há uma certa limitação por parte do narrador ao escrever as suas personagens, tendo em vista as repetições verificadas nas duas passagens de romances diferentes. Parece, contudo, que se pode inferir que houve intenção em revelar, por meio de um processo repetitivo e, por conseguinte, enfático, a condição de penúria em que vivem algumas das personagens masculinas européias, no caso, os comerciantes da povoação de-baixo. Por outro lado, a reiteração do termo chibata, embora a rigor não se possa considerar esse elemento como uma peça da vestimenta, reveste-o de importância na descrição das personagens, na medida em que pode ser considerado seu prolongamento natural, isto é, torna-se parte integrante do corpo das personagens. Para além de um simples hábito, o uso da chibata parece surgir ou estar relacionado à resistência das personagens às adversidades da vida. Estabelece-se, desta forma, um elo entre um passado de vigor físico a que se associam sonhos e esperanças, e o presente de decrepitude, desesperança e frustração. O uso da chibata, em última análise, corresponde à procura do equilíbrio entre essas duas fases da vida.

Da mesma forma, o cachimbo constitui também um prolongamento natural de certas personagens. Aparece na descrição de dois comerciantes, Francisco Bernardo, em *Terra Morta*, e Albino Lourenço, em *A Chaga*. No primeiro, "o cachimbo de grande pipo de latão igual aos dos velhos negros" (Soromenho: 51) indica a assimilação por parte da personagem dos costumes africanos, após experiência vivencial de sessenta anos de África. É possível, contudo, que esse hábito decorra também de uma tendência, diga-se de passagem, não acentuada de a personagem voltar-se para o seu mundo interior e refletir, embora de maneira primária, em torno de alguns problemas relacionados com a sua pessoa.

Neste caso, pode-se afirmar que o cachimbo funciona como elemento auxiliar em momentos de concentração em seus pensamentos. Por ser rude, ignorante e de espírito aventureiro, não se pode esperar muito de Francisco Bernardo no plano das idéias. Mesmo assim, as experiências amargas nos negócios e no seio da família, a constante preocupação pelo destino da filha mulata, perdida nos grandes centros de Angola, a dissipação de qualquer esperança numa mudança de vida capaz de lhe propiciar o que, na juventude, idealizara, são motivos suficientes para fazer com que Francisco Bernardo se volte para si, em momentos de fugazes reflexões.

Em *A Chaga*, há passagens em que se surpreende a personagem Albino Lourenço sempre com o cachimbo em um dos cantos da boca. Merece destaque a que segue: "Para ali ficara, sem conta no tempo, de olhos fechados, o cachimbo apagado ao canto da boca, levado por pensamentos confusos para os fundos do seu passado." (Soromenho: 88) Atitude típica de um homem voltado para o seu mundo interior, tentando na recuperação de acontecimentos situados no passado a explicação para os problemas existenciais que se lhe apresentam no presente, esta é a idéia sugerida pelo texto. O suicídio do filho Jesus, cuja causa só lhe foi revelada nos últimos instantes da vida, as lutas e insucessos que lhe marcaram a trajetória existencial em Camaxilo, levam a personagem, em vários momentos, à meditação e ao exame dos próprios pensamentos e sentimentos, exteriorizando-os muitas vezes por meio do diálogo com outras personagens: "Um homem fala, fala, fala toda a vida, e um dia dá conta de que não disse nada. É como se não tivesse falado. Às vezes ainda é pior, porque fala para dizer o contrário do que pensa. Quem é que vai ao fundo, bem ao fundo do seu pensamento para o trazer aos outros como um testemunho dessa vida que cada um de nós oculta por vergonha de sermos homens?" (Soromenho: 92) Essas palavras de Lourenço surpreendem pela maneira sincera e pela convicção com que são proferidas. Nelas, há verdade. Os problemas colocados, entre os quais o da utilidade e o da comunicação do ser, provêm da reflexão e da análise dos momentos vividos e experimentados na forma de vida escolhida ou que lhe foi imposta. As idéias expressas pela personagem tendem a situá-la, numa comparação com as demais, num plano mais elevado, como se pode facilmente depreender do texto seguinte: "Ninguém se salva pelo remorso e o perdão é amargo e inútil. Só nos filhos mulatos salvaríamos o homem que se perdeu em cada um de nós." (Soromenho: 112)

Outro elemento da descrição que chama a atenção não pela sua frequência, mas pelo caráter de exceção é o terno. Dos três romances, apenas *Terra Morta*, em duas passagens, apresenta personagens vestidas com esse traje: "...vestido de branco, muito alto, de barba negra, os olhos cheios de brilho e ale-

gria." (Soromenho: 224) "José Calado, dentro de um velho fato de cotim sal-e-pimenta, sem gravata nem colarinho, o botão de metal amarelo da camisa a brilhar, barba por fazer, de peúgas verdes e sem botas, poque o pés incharam tanto que nem os chinelos serviam, tinha as mãos cruzadas no peito e os lábios em chaga arrepanhados num sorriso de consolação." (Soromenho: 209)

Nesses exemplos configura-se a trajetória existencial de um tipo dos romances de Castro Soromenho, isto é, o comerciante. O primeiro texto refere-se à personagem Francisco Bernardo. A descrição está inserta num longo "flash-back" em que a companheira de outro comerciante, recentemente falecido, recupera fatos do passado através da memória. A distância temporal que separa o momento da lembrança de Francisca e os fatos sucedidos no passado não lhe apagou da memória certas minúcias, detalhes até mesmo da descrição de Francisco Bernardo. Os adjetivos pictóricos (branca e negro), embora contrastantes, unem-se ao brilho e alegria dos olhos para sugerir a esperança que carrega a personagem na concretização dos seus projetos de vida na nova terra. Está-se, portanto, diante de uma personagem em pleno vigor da mocidade, inconsciente ainda das dificuldades futuras que enfrentará.

Por outro lado, a descrição de Calado morto não o particulariza, nem o distingue, se comparado com as demais personagens. Ao contrário, os elementos referidos nela prestam-se à generalização, porque revelam a precária condição humana e material a que são levados, no final da vida, os comerciantes europeus. Desfeitas as grandes ilusões – o enriquecimento fácil e o regresso a Portugal – acumulam-se os insucessos em todo os níveis da vida e nada mais resta aos comerciantes senão um velho terno, não mais branco, como no início, mas sal-e-pimenta, portanto, de coloração algo indefinida. Os adjetivos pictóricos parecem adquirir valor simbólico, caracterizando ou ajudando a caracterizar as duas fases existenciais dessas personagens. A inexistência de algumas peças da vestimenta, a gravata, o colarinho e as botas, acaba por destacar, em Calado, importantes detalhes, isto é, o verde das meias e o brilho do botão amarelo da camisa. Esses elementos descritivos são postos em destaque, na morte, de maneira bastante irônica, na medida em que diluem pelo contraste os sinais reveladores de uma esperança (verde, brilho) inútil, porque já desnecessária.

Outras peças que compõem a vestimenta das personagens dos romances em questão poderiam ser referidas. Entretanto, a reduzida frequência com que aparecem nas descrições e sua pouca importância para a caracterização das personagens permitem que sejam ignoradas.

Assim sendo, resta, ao finalizar, ressaltar, como a análise pretendeu demonstrar, a riqueza de pormenores utilizados na descrição das personagens masculinas européias dos romances que compõem a *Trilogia de Camaxilo* e

IANNONE, Carlos Alberto. Aspectos da Descrição de Personagens na Trilogia de Camaxilo. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos. USP. S.Paulo*, 11 (1): 21-30, 1988.

que permitiu a abordagem a partir da divisão dessas personagens em dois grupos tipológicos: de um lado, os comerciantes, seres marcados pela fadiga, miséria e abandono, conseqüência da luta pela sobrevivência e contra as adversidades do meio; de outro lado, os funcionários administrativos, cuja grande maioria sempre insatisfeita vive em condições invejavelmente superiores, se confrontadas com as do primeiro grupo.

ABSTRACT: The role of men in the second face of the work of Castro Soromenho and the various possible literatures in the outlook of the existing faces of these men is the axis of characterization as from its description.

BIBLIOGRAFIA REFERIDA

- BASTIDE, Roger. A África na obra de Castro Soromenho. Tradução de Mário de Andrade. In: CASTRO SOROMENHO, Fernando Monteiro de. *História da Terra Negra*. Lisboa, Gleba, 1960, vol. I.
- CASTRO SOROMENHO, Fernando Monteiro de. *A Chaga*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.
- _____. *Terra Morta*. Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1949.
- _____. *Viragem*. Lisboa, Ulisséa, 1957.
- GENETTE, G. *Figures II*. Paris, Éditions du Seuil, 1969.
- TORRES, Alexandre Pinheiro. Propedêutica à *Trilogia de Camaxilo*. *Colóquio/Letras*, nº 39, setembro de 1977.
- _____. *Romance: O Mundo em Equação*. Lisboa, Portugalia /s.d./.